

A Coragem de Zuri

Um livro de proteção contra
a violência sexual infantil

Texto e ilustração
Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro



Texto e ilustração
Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

A Coragem de Zuri

Um livro de proteção contra
a violência sexual infantil

2021
UFBA
Salvador, BA

A coragem de Zuri

Copyright © 2021 by Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

Universidade Federal da Bahia

Rua Augusto Viana, s/n - Palácio da Reitoria,
Canela, Salvador - CEP: 40110-909

Reitor

João Carlos Salles da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Escola de Belas Artes

Av. Araújo Pinho, 212 - Canela,
Salvador - CEP: 40110-150

Diretora

Nanci Novais

Cadastro do projeto UFBA

Número Siatex 17321 - O livro ilustrado como
meio de proteção a violência sexual infantil

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Ilustrações, projeto gráfico e editoração

Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro

Revisão

Mariana Rios

Vetores

Freepik

Proibida a reprodução total ou parcial desta
obra sem autorização da autora.

Onde encontrar a autora?

ilustra.laris@gmail.com

[@ilustra.laris](https://www.instagram.com/ilustra.laris)

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

R484 Ribeiro, Larissa Vieira de Oliveira.

A coragem de Zuri: um livro de proteção contra a violência sexual
infantil / Larissa Vieira de Oliveira Ribeiro. — Salvador: UFBA, 2021.
28 f. : il.

Disponível em: <https://bitly.com/IqKkOX>
ISBN: 978-65-5631-057-2

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Vítimas de abuso sexual -
Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 808.899282

Elaborada por Sandra Batista de Jesus CRB-5: BA-001914/O

Realização e apoio



PROEXT

Agradecimentos

Tantos foram os verões nos quais tive a liberdade de ser quem sou graças à minha mãe, que lutou por mim desde o meu nascimento e é o meu exemplo de honestidade, persistência e perseverança em todos os passos que dei até aqui.

A Deus, por me fazer lembrar de quem sou a cada vez que respiro.

À minha família, pela paciência, cuidado e proteção semeados na infância e colhidos hoje na forma deste livro.

À minha orientadora e profunda amiga, Tamires Lima, por alimentar meus sonhos profissionais todos os dias, e à amiga Miriã Araújo, pelo suporte urgente com os enlases do projeto.

Também às amigas Laísa, Flávia e Ariana, que vibraram por mim, bem como todos os outros que estiveram na torcida.

À Universidade Federal da Bahia, por ser um espaço de aprendizagem humanizador e empático para com a sociedade.



Todo final de tarde, hora em que **a baiana** descia a ladeira pra montar o seu tabuleiro, era certo as crianças saírem pra brincar.

Veiz ou outra faltavam as mais levadas, que volta e meia trocavam o chinelo e a roupa de casa pelo sermão diante de seus aprontes, com “direito” a tranca no portão.

Havia ali seis ou sete casas, todas tortinhas e amontoadas, como num **bobó de camarão**.

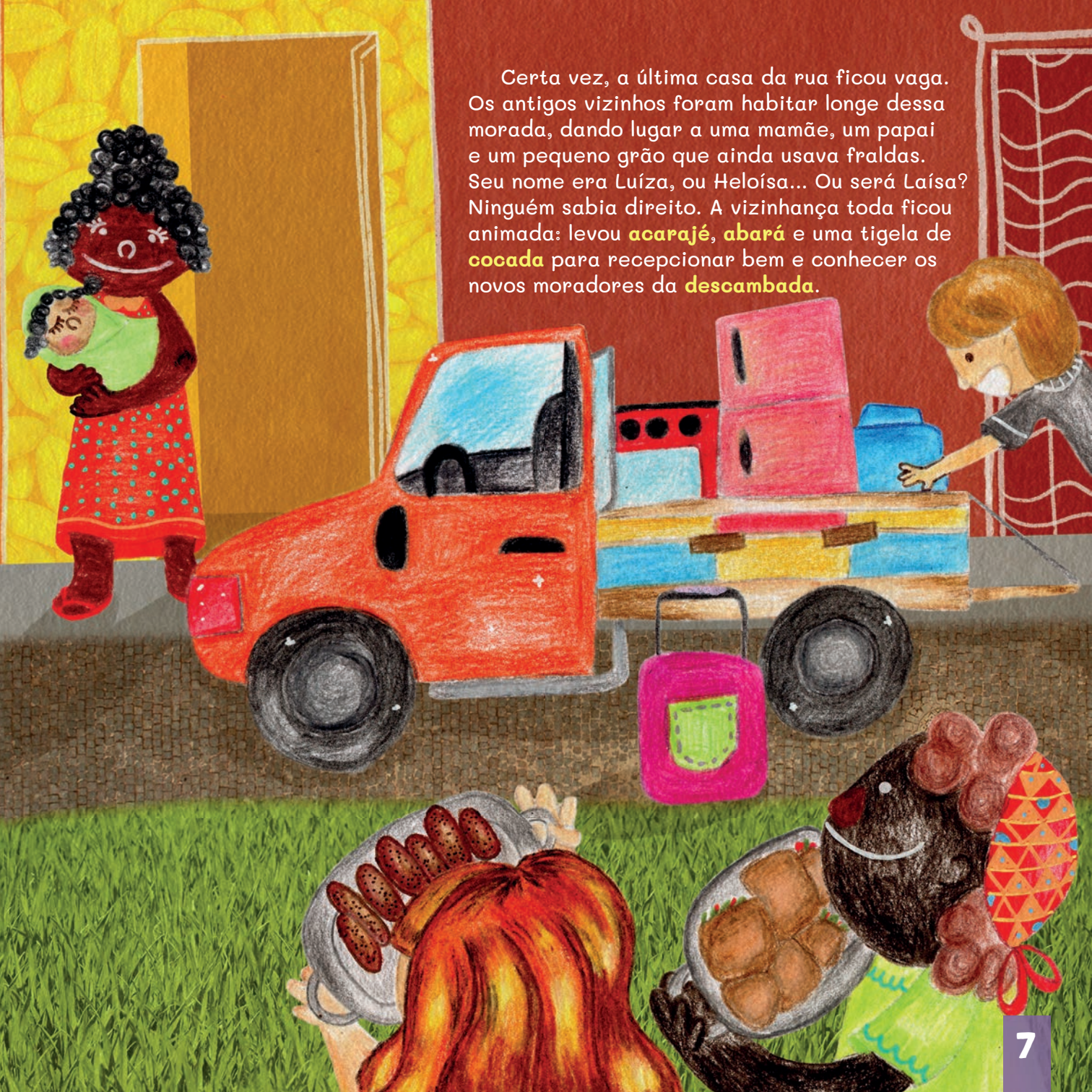
Em cada uma delas, viviam de oito a dez pessoas, entre pequeninos cidadãos e grandes trabalhadores, de nome Iracema, Tayane, Jurema e mais umas quinhentas.





As crianças brincavam todas juntas, de bola, **chicotinho-queimado**, boneca, esconde-esconde e pega-ladrão noite afora. E quando vovó gritava “Tainá, venha embora!”, elas respondiam “eu vou em meia hora”.

Certa vez, a última casa da rua ficou vaga. Os antigos vizinhos foram habitar longe dessa morada, dando lugar a uma mamãe, um papai e um pequeno grão que ainda usava fraldas. Seu nome era Luíza, ou Heloísa... Ou será Laísa? Ninguém sabia direito. A vizinhança toda ficou animada: levou **acarajé**, **abará** e uma tigela de **cocada** para recepcionar bem e conhecer os novos moradores da **descambada**.





O tempo passou, então **a neném** começou a usar **as palavras**, mas nunca a víamos colocar o pé pra fora de casa.



De manhã, sua mãe a levava para a escola e de lá ia trabalhar; ao meio-dia, seu pai a trazia de volta ao lar. No final da tarde, junto com todas as outras crianças, era sua hora de brincar? Negativo, não, non, nem pensar.






Um dia, as crianças da ladeira se uniram para chamá-la para brincar, porém seu pai gritou da janela que ela não iria a nenhum lugar, fazendo-a chorar. Todas as crianças da rua contaram à gente grande de suas casas, **aquela em quem mais confiavam**, sobre como gostariam que a amiguinha pudesse sair para brincar. Mas todos os adultos disseram: eles são os pais dela, não podemos forçar!




Daí pra frente, as crianças da ladeira continuaram saindo para brincar na mesma hora, depois de comer os lanchinhos feitos pelos papais do Joca.






Certa vez, quando brincavam de baleado, com o baleia daqui, baleia de lá, a bola foi parar perto da janela da casa misteriosa.

Todas estavam com medo de ir lá buscá-la, então bateram **zerinho ou um**, disputando quem seria a corajosa. Dessa vez, teria que ser Maria, que levou Kauê junto como garantia.



Eles foram na ponta dos pés,
com o maior silêncio que
conseguiram, e ao chegar
perto da casa começaram a se
arrastar no chão igual a uma
cobra-coral metalizada.



An illustration of two children in a yard. On the left, a girl with dark curly hair, glasses, and a green patterned dress is holding a pink ball. On the right, a boy with a red body and a green cap is looking towards her. In the background, there is a wooden fence with a grid pattern and a yellow wall. A blue sticky note is attached to the top right of the scene.

Maria agarrou a bola enquanto Kauê, curioso, espreitava pelas grades da janela aberta. Ele logo avistou a menina sentada no cantinho do quarto, com a cabeça baixa e as mãos como se abraçassem seus joelhos.

— O que ela está fazendo ali, Maria? — perguntou à amiga, que já se preparava para **bater em retirada**. Maria parou e observou pela janela, vendo a mesma cena que Kauê espiava.

— Não sei! Será que ela está contando lombrigas?

— Não, sua sabichona! Ela está molhando as narinas.

— disse ele, dando um **“psiu, coisinha”** em seguida.



Na mesma hora, a menina suspendeu a cabeça e olhou, sem acreditar, as duas crianças do lado de fora da mureta. Colocou-se de pé e correu para a janela. Só seus olhos alcançavam a altura do batente..., ficaria ela descontente?

— Por que vocês estão aqui? — perguntou ela enquanto secava as lágrimas.

— A gente veio pegar a bola. Por que você está chorando, minha senhora? — falou Kauê, **gaiato** que só.

— Painho vai brigar se eu lhe contar esse segredo agora. Ele já está para voltar, é melhor que vão embora!

— **De boa**, nós vamos, mas amanhã voltamos nessa mesma hora! — disse Maria, tirando logo o corpo fora.

Da janela, a menina ficou observando eles irem embora. As outras crianças já estavam esperando **avexadas**, pensando que talvez eles tivessem sido engolidos pelo mistério daquela casa.





bolo da leve ♥

Depois disso, elas continuaram brincando, mas a partir do que tinha acontecido Kauê começou a pensar: **que tipo de segredo poderia fazer alguém chorar?**

Os segredos que ele já conhecia sempre o fizeram sorrir: o **bolo de fubá** de aniversário surpresa da vó Jô, o cheirinho da moqueca que painho faz para mainha quando ela chega do trabalho ou até a surpresa de ir na pracinha com a



papai Na Cozinha

família em dia de semana. Ele pensou, pensou, mas a nenhuma conclusão chegou. Queria questionar sua mãe, mas ficou com medo de que ela perguntasse o motivo da questão, guardando pra si o X dessa **indagação**.



Cuscuz ♥



passado em família

Dali pra frente, Kauê foi todas as tardes visitá-la e descobriu até que seu nome era Zuri. Eles dois cochichavam da janela para o pai dela não ouvir. Um contava ao outro sobre o que tinha aprendido na escola, que era um lugar legal, e as professoras sempre escutavam as crianças por mais de meia hora!

Sempre que a baiana estava prestes a descer a ladeira, Kauê ia embora, rastejando como um jabuti de calçola. Poderia também ser um **sariguê** usando ceroulas, porque aqui a questão não é a idade nem a roupa. Depois, Kauê encontrava com os amigos da rua para brincar de bolinha de gude, **ordem**, morto-vivo, macaco foi à feira ou dança das cadeiras.



Um dia, Tainá estranhou a falta dele na merenda da casa do Joca e resolveu perguntar onde ele estava e o porquê da demora.

— Eu estava conversando com Zuri, minha amiga mais nova! — disse ele, enquanto se aproximava dos amigos que estavam em volta.

— E como ela é? Por que não a traz aqui?

— Ela é animada, mas o pai dela não a deixa sair!

— Onde ela mora?
Podemos conhecê-la também?

— Ela mora na casa misteriosa, mas sempre que a vejo ela está por trás das grades da sua grande janela luminosa. — disse ele, lembrando do **enigma** da menina, que ainda despertava sua curiosidade. — Por falar nisso, gostaria de saber que tipo de segredo pode trazer tristeza, já que dia desses a vi chorando e não eram gotas de cereja!



— Segredos felizes são sempre o compartilhamento de uma surpresa. Os tristes são preocupantes, devemos sempre falar a alguém mais velho em quem confiamos, seja o porteiro da creche, a professora, o tio da cantina, a madrinha ou a mãe de santo. **Todos devem ouvir, abraçar e escutar bem o que a criança está contando.** — disse Joca, enquanto o Kauê refletia sobre a situação.



Eles continuaram brincando naquele dia, porém Kauê não parava de pensar na tristeza da sua amiga. Estava decidido! Perguntaria a ela o que afinal tinha acontecido e que segredo era esse que a deixava de coração partido.



No dia seguinte, ele se sentia tão ansioso que negou até um pedaço de bolo de sobremesa. Na escola então, não conseguia prestar atenção, queria mesmo saber o segredo da amiga para poder lhe dar uma mão.



Na hora de sempre, ele foi visitá-la, e Zuri já o esperava com os olhos pra fora da janela, atenta à sua chegada.



- Olá, Zuri, o que está fazendo?
- Olhando aquele pássaro, veja como ele é pequeno! — disse ela apontando para a árvore pela janela.
- É pequeno mesmo! Do tamanho de um **bago de jaca**. Estou curioso com uma coisa... Você pode me revelar por que naquele dia você chorava?
- Eu te disse que era um segredo. Meu pai mandou não contar a ninguém, e disso eu tenho medo!
- Que segredo pode ser esse que faz chorar de tristeza? Conte, por favor, que eu prometo ouvir e te ajudar com amor.



Zuri tomou ar, venceu a vergonha e contou-lhe o segredo: disse que o papai dela queria tocar em lugares do seu corpo que são íntimos, e isso dava medo. Ela sabia que ninguém pode tocar nas partes que cobrimos, a não ser que seja para examinar, dar banho ou cuidar, e que, se for de outra forma, é terminantemente proibido nas partes íntimas da criança encostar.

Kauê ficou chocado, queria logo fazer uma revolução. Tinha aprendido na escola do que se tratava o **consentimento** e discutido com sua mamãe a importância de compartilhar esse tipo de confissão.

— Esse tipo de sigilo não podemos guardar! Conte para sua mãe, Zuri, e ela vai te resguardar!

— Eu tenho medo do que ele pode fazer! Se mamãe botá-lo para fora, o que vamos comer? Não sei também se ela acreditará em mim. Caso eu vá embora, quem vai molhar as flores do jardim?





Ela ficou assustada, mas se encheu de coragem e prometeu contar naquela data. Kauê a incentivou muito e foi embora no mesmo horário de sempre. Mal podia esperar pra ver no que ia dar.

Se caso ela não tivesse contado no dia seguinte, ele daria com a língua nos dentes: **falar com um adulto amável é o adequado e pode nos deixar contentes.**

— Você não vai embora, **não fez nada de errado.** Quem vai é o adulto maldoso, ele é o irresponsável. Sua mãe tem forças para trabalhar, Zuri, a ela você deve o pão. **Conte tudo que a aflige,** e caso ela não confie no que você diz, devemos colocar a boca no mundão. Falar para a sua professora, diretora, até chegar nos ouvidos da dona delegada. Por isso eu te peço: **não fique calada!**



Mais tarde, quando a lua já iluminava o topo da ladeira, Zuri ia para cama no colo de sua mãe guerreira, que a amava incondicionalmente e a protegeria sempre, com certeza!

No quarto, **enfrentou o medo** e contou, então, o segredo: ela não estava gostando de como estava sendo tocada e já não aguentava mais ficar sem sair pra brincar do lado de fora de casa.



Sua mãe não gostou nada nada do segredo! Disse que agora sim entendia o porquê da sua angústia e desassossego, que outras crianças já tinham passado pela mesma situação, e **não era culpa delas**, mas sim da indecência do adulto em sua função de cuidado e proteção. **Estava orgulhosa da coragem da sua filha!**

Tinha contado toda verdade com bravura e valentia.

Elas tinham então por obrigação de contar à moça da delegacia para o juiz tomar uma decisão. Sua mãe saiu do quarto e foi fazer a ligação.

“Alô, é do disque 100?”, ela disse enquanto Zuri pegava no sono, e as luzes do poste brilhavam ao seu encontro.





Zuri foi examinada pelo atento médico e ouvida pela afetuosa psicóloga. **Todos acreditaram no que ela contou**, inclusive a dona delegada, que atentamente tudo anotou.

No outro dia bem cedo, um carro de polícia e uma ambulância encostaram no portão de Zuri, e todos os vizinhos queriam saber por quê.

Kauê veio a toda velocidade espiar a situação.

Sentia orgulho da amiga por compartilhar o segredo e desvendar o mistério daquele casarão.

O pai da casa estava no meio da **cambulhada**, e desse modo o senhor policial disse que ele tinha que ir de camburão.





Daí então já podia sair para brincar! Com a criançada da rua ela fez amizade e conheceu o que era **um verdadeiro lar**.

Lar é afeto, amor e proteção. A família unida, seja ela formada por João e Maria, Ítalo e Tupã, Marina e Sofia ou vovó, vovô e titia, **não importa quem te cria: tem a responsabilidade do cuidado e atenção** para observar os sinais e escutar a criança de todo coração.

Você, criança, faça como Zuri: conte ao adulto da sua confiança caso tenha algum toque estranho aqui e ali. Ah, e as crianças da ladeira continuaram saindo para brincar. Juntas e misturadas sem nenhum segredo, **elas tinham confiança, apoio e nenhum medo.**



As mães e os papais da vizinhança agora faziam questão de **observar e escutar** o que elas diziam, e assim se juntaram num grupo em prol de conversar sobre os problemas de hoje em dia.

Já que esta historinha acabou de acabar, que tal agora você com seu narrador sobre esse assunto conversar?

**Desenhe,
anote ou
rabisque**

Quem são seus adultos de confiança?
E os personagens dessa história?

Glossário

Descambada:
Encosta, vertente;

Indagação: *tentar
descobrir ou investigar;*

Enigma: *de significado
complicado;*

Avexadas:
apressado, impaciente;

Gaiato:
brincalhão, divertido.

Bilhete à gente grande de confiança

Você sabia que a violência sexual é a 4ª violação mais registrada contra crianças e adolescentes pelo Disque Denúncia? E que a Bahia lidera a lista de estados com pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias?

Segundo Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a atual pandemia causada pelo Covid-19 também dificultou muito as denúncias de violências desse cunho para esse público-alvo, evidenciando o quanto é complexo denunciar crimes que predominantemente ocorrem em ambientes domésticos.

Este livro é uma forma lúdica de **abrir o diálogo** entre adultos e crianças sobre o assunto, abordando conceitos básicos de boa convivência e de sentimentos humanos, colocando a informação como ferramenta de proteção e apoio e explicitando **a importância da denúncia** para proteção e cuidado da vítima.

UNICEF. Pandemia dificulta denúncia de violência sexual contra crianças e adolescentes no Estado de São Paulo, revela relatório. Disponível em: <https://bitly.com/srOEVt>. Acesso em 21 mar. 2021.

Dados da violência sexual contra crianças e adolescentes — 2020. CHILDHOOD: pela proteção da infância. Disponível em: <https://bitly.com/1cqRR>. Acesso 21 abr. 2021.



Sobre a autora

Aprender a ler foi uma barreira primária a ser quebrada na infância, e desde então os livros se tornaram a sua paixão. Formanda em Design pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Desenhista pelo Curso de Aprendizagem Industrial Básica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), foi representante do grupo Cupim no International Conference on Design and Digital Communication (DIGICOM) 2020 Portugal, através do artigo “The protagonism of Afro-Brazilian and indigenous in Comics”, publicado nos anais intitulados *Advances in Design and Digital Communication* pela Editora Springer. **Acredita que a ilustração infantil pode mudar o mundo.** Apaixonada por *design editorial*, foi estagiária da Editora da UFBA (Edufba) e participou do projeto de extensão CUPIM como forma de se manter ilustrando e produzindo livros.

A *coragem de Zuri* nasceu da curiosidade de saber por que os livros infantis para a educação sexual, que visam informar e, por consequência, proteger, não costumam ser utilizados no cotidiano das crianças. O livro foi construído para o seu trabalho de conclusão de curso com o apoio do Programa de Apoio a Extensão Artística (PibeXA Tessituras 2021) da UFBA.

Não fique em silêncio!

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são deveres de todos o cuidado e a proteção desse público. Se você presencia ou suspeita de algum caso de violência sexual infantil ou qualquer outra violação de direitos humanos, denuncie.

Disque

Polícia Militar	190
Polícia Federal	194
Polícia Civil	197
Disque Direitos Humanos	100
Polícia Rodoviária Federal	191

Colofão

A construção e pesquisa deste livro foram realizadas durante as quatro estações do ano de 2021 em meados da pandemia mundial causada pela Covid-19.

Tipografia: Mali, Bad Script e Ramona

Tamanho: 20 x 20cm

Miolo: Papel Couchê Fosco 170 g/m²

Capa: Papel Cartão 250 g/m²

Tiragem: 50 exemplares

Impressão: Psi7

ISBN 978-65-5631-057-2



9 786556 310572

Kauê e as espertas crianças da ladeira saíam todas juntas para brincar até a chegada de Zuri: uma nova moradora que nunca podia se juntar a eles e ainda guardava um segredo que a fazia chorar! Que tipo de segredo poderia ser esse que só causava lágrimas e aflição? *A coragem de Zuri: um livro de proteção contra a violência sexual infantil* aborda de forma sensível essa temática, dando ênfase à importância de construir laços de confiança entre adultos e crianças a fim de evitar essa violência, bem como de reduzir a subnotificação dos casos. Através de elementos regionais nordestinos, o livro dispõe a informação como forma mais eficaz de prevenção da violência desse cunho, diminuindo a vulnerabilidade das crianças e incentivando o debate em espaços públicos ou dentro dos nossos lares. Mostra-nos ainda como a amizade e a coragem pode mudar tudo.



PROEXT